



## Nos cinquenta anos dos *Escritos* de Jacques Lacan

Marcus André vieira

Por Yolanda Vilela

### Qual foi o impacto dos *Escritos* de Lacan no momento de sua publicação, em 1966?

Sei o que todos sabem: foi um fenômeno editorial, 300 mil cópias vendidas em pouco tempo. Daquele tijolo! Outros tempos, outro mundo, o da cultura parisiense em plena efervescência dos anos sessenta pré-68. Lacan já era conhecido além de seu meio, só que dele se ouvia muito falar, mas pouco ou nada se podia ler. Ele pôde então ser estudado, comentado e de certa forma, descoberto.

Como entender este fenômeno? O próprio Lacan se pergunta sobre ele de várias maneiras nos seminários e escritos posteriores. Ficou famosa uma conferência a qual ele propôs justamente o título “O fenômeno lacaniano”. Muitos e muitos já escreveram e refletiram sobre isso, quase tudo já virou sabedoria docente e muitos, eu inclusive, contam esta história nas faculdades, para o melhor e para o pior. É perigoso tentar dar conta desse fenômeno que nos suporta ainda hoje. Seria tornar Lacan e seu ensino um clássico, o que, segundo J. A. Miller se define como aquilo que se torna objeto das classes, dos estudantes, sempre um pouco mortificado. Vou ressaltar um ponto, o da relação entre o ensino de Lacan veiculado em forma oral, dos seminários, e o dos escritos.

Antes disso é bom lembrar que os *Escritos* não eram nem resumos ou condensados dos seminários, nem uma reunião de artigos esparsos. Era um verdadeiro livro, fruto dos talentos editoriais de François Wahl e de Miller com base nas decisões de Lacan. A estrutura foi pensada, vários índices foram acrescentados, inclusive um índice de esquemas comentado. No final, era um verdadeiro mergulho no ensino de Lacan por meio de seus textos.

A edição brasileira em 98 reproduziu esta estrutura do modo mais fiel, no que é preciso destacar o desejo decidido de Angelina Harari. Acrescentava-se o número de página do original a cada página desta edição, o que a tornava a primeira versão com boas traduções e boa revisão dos *Escritos*, ao mesmo tempo respeitando a estrutura do original e remetendo-nos a ele, o que acho essencial em se tratando de Lacan. Minha leitura foi desde então e até hoje a do Lacan no original e em português ao mesmo tempo.

### Lacan afirma que para ler os seus *Escritos* é preciso “colocar algo de si”; qual foi sua maneira de adentrar e ler essa obra de Lacan?

Por isso disse “mergulho”. É que a escrita de Lacan, assim como a estrutura dos *Escritos*, é feita para, como ele afirma, “não deixar ao leitor outra saída a não ser a entrada”.<sup>1</sup> Leituras introdutórias ou panorâmicas são quase impossíveis. A cada frase ou parágrafo, é preciso, por trabalho próprio, extrair o saber que sirva. Se nada servir nada se extrairá.

Minha maneira inicial foi, acho que como a da maioria, a mais pobre, a do estudante-aluno, de buscar percorrer os textos principais que tinham que ser lidos para que eu fosse um bom lacaniano.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud. In : *Écrits*. Paris : Seuil, 1966, p. 493.

Lia, sublinhava, anotava à margem e quase sempre ao final podia ouvir um “ufa, terminei”. Claro que isso tem valor, de tomar contato com os termos, por exemplo, mas quando revejo minhas marcações dessas primeiras leituras sou sempre surpreendido por não ter a menor ideia do que significam.

A psicanálise não é panorâmica, por que um texto de psicanálise seria? Em cada sessão estamos diante de alguém e de seu universo próprio, tudo está ali “ao mesmo tempo agora”, mesmo se o analisante tenta nos apresentar uma fala mais ou menos articulada. Por isso, Lacan não tem medo de recheiar seu texto de noções variadas e nem todas articuladas, ou de reunir o mais simples e o mais complexo em uma mesma frase. E isso vale tanto para os *Escritos* quanto para os seminários, pois a oposição oral e escrito em Lacan é relativa. Esse é meu ponto: O oral e o escrito no texto de Lacan se cruzam, se misturam, tal como em uma análise.

Um sonho, por exemplo, pode ser pensado como um emaranhado, um novelo de linguagem que cinge um real. Trazido para a sessão, a fala associativa se expande a partir dele e o embebe no oral. A seguir, vem a interpretação que, freudiana, nada mais é do que decantar, a partir dessa operação, um fragmento de escrita, chamado por Freud *conteúdo latente*. Ele não estava lá, é uma reconstituição, uma extração, de algo que de certa forma estava lá, pois é o traçado da estrutura que na fala analisante impera. Em seu último livro, Jo Attié o demonstra magnificamente.

Entendo assim o modo de escrita de Lacan, ele tenta reproduzir tanto a fala quanto a estrutura de escrita que desta fala se pode extrair para que cada um encontre seu texto próprio. Ocorre algo análogo com os seminários, porque eles são baseados em frases previamente construídas, escritas, com afinco, os celebres aforismos lacanianos.

De todo modo, o fundamental foi poder, respeitando a unidade do texto, mergulhar, mas também e até por isso, pular passagens, ir e voltar até achar o que servia.

### **Hoje, passados 50 anos de sua publicação, época de crescente obscurantismo, qual é, a seu ver, a atualidade dos Escritos no "debate das luzes?"**

Não oporia “luzes” e “obscurantismo” como chave de leitura de nossa época. Aliás, qualquer chave de leitura será bem frágil. Nossos dias serão obscuros para nós que neles vivemos, como ressalta Agambem em seu texto sobre o contemporâneo e como analistas talvez tenhamos ainda mais dificuldade que os sociólogos e antropólogos, que fazem destas descrições e análises seu ofício. Além disso, não seriam mesmo as luzes do século dezenove-vinte que poderiam nos iluminar. É bem verdade que em muitos sentidos estamos muito mais pobres e estúpidos do que, por exemplo, nos anos sessenta, apesar de afogados em informação e conhecimentos. Eu reteria algo como, parafraseando Lacan: os saberes de que se serve uma análise para caminhar, ainda servem?

Com isso quero dizer que é preciso que a cultura seja aberta a alguns dos elementos essenciais a uma análise, por exemplo a intimidade e o silêncio. Ao mesmo tempo é preciso que o psicanalista esteja na cidade para fazer valer na cultura o que é essencial a seu ofício, além destes, o respeito aos poderes da palavra, por exemplo.

Mas cabe, sim, a pergunta. Por quê, então, Lacan situa seus *Escritos* sob a égide do debate das luzes? Creio que, além de ser uma provocação, já que viviam dizendo que seus textos eram obscuros, havia a necessidade de demonstrar que há clareza na psicanálise, mesmo se ela lida com o obscuro de nós, mas uma clareza própria, específica. A psicanálise não precisa ser como seu objeto, essencialmente subjetivo, confusa e escorregadia, mas ao mesmo tempo se nela o ideal da clareza e transparência brilhar muito acabamos ofuscados sem nada enxergar, pois seu objeto só vive à sombra do eu. A psicanálise precisa de demonstração, rigor e consistência, tudo o que abunda nos textos de Lacan, desde que deixemos de lado o mote “quem pensa claro, fala claro”, pois em nosso meio quem achar que só pensa se pensa claro, está perdido.

O que me valeram nos *Escritos*, então, foram as passagens que me encantaram, por um lado, e as que me serviram, por outro. As que me encantaram eram as que ressoavam, ficavam, e ainda ficam no ar dizendo mais do que o saber que eu posso extrair delas no momento. Já as que me serviram eram aquelas que me orientavam quanto a um saber necessário à minha prática ou me davam indicações clínicas precisas, por exemplo a da diferença entre tática, técnica e política em “A direção do tratamento”. Muitas vezes as que me encantavam e as que me orientavam eram as mesmas. É esse o gênio de Lacan. Não por ser poético, apesar de às vezes até ser, mas sim pela capacidade de fazer com que se ouça em uma frase não apenas o que se pode ouvir, mas algo mais, que vai sendo ouvido aos poucos e de formas diferentes ao longo do tempo sem nunca perder seu valor agalmático de carregar consigo uma zona de sombra. Não é a este tipo de saber a que se refere Miller quando batiza um de seus cursos de “Iluminações profanas”?